

# **PARA PREGAR APOLOGETICAMENTE: REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE PREGAÇÃO E APOLOGÉTICA**

*Filipe Costa Fontes\**

## **RESUMO**

Considerando que interações interdisciplinares podem ser muito enriquecedoras, este artigo procura discutir a relação entre pregação e apologética. Valendo-se de uma tradição específica – o pressuposicionalismo – ele argumenta que a apologética pode oferecer significativas contribuições ao pregador, principalmente no que diz respeito ao entendimento de como o ouvinte exerce determinação sobre a elaboração e entrega do sermão. Como texto introdutório, procura explicar o que é pregar apologeticamente e apontar os principais campos em torno dos quais o pregador deve orbitar ao assumir esse desafio.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Pregação; Apologética; Pressuposicionalismo; Contextualização.

## **INTRODUÇÃO**

Quando, em 2015, o professor Tarcízio José de Freitas Carvalho e eu incluímos no calendário do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper uma disciplina que se propunha a um diálogo entre pregação e apologética – disciplina já existente no programa de Teologia Filosófica e anteriormente ministrada pelo Dr. Wadislau Martins Gomes – eu imaginava que

---

\* Mestre e doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; mestre em Teologia Filosófica pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper; licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção; graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição. Professor assistente de Teologia Filosófica no CPAJ.

teríamos uns dois ou três alunos. Lembro-me de ter conversado algumas vezes com Tarcízio sobre essa minha expectativa, suspeito que compartilhada por ele, e de ter levantado razões que pudessem justificar a esperada baixa adesão à disciplina. Uma delas, a de que boa parte dos teólogos brasileiros, por razões históricas, identifica a apologética quase que imediatamente com o combate a seitas e heresias.<sup>1</sup> Teríamos, porventura, um número expressivo de pessoas interessadas em participar de uma disciplina cujo objetivo principal – pelo menos em minha interpretação do senso comum – fosse discutir como combater, do púlpito, um grupo religioso *x* ou *y*?

Eu estava enganado! A disciplina foi muito procurada; uma das mais procuradas do calendário do CPAJ naquele ano. E quando eu soube disso, dias antes do período de ministração do módulo, experimentei nova preocupação. Eu ainda estava bastante convicto de meu entendimento sobre a compreensão geral de apologética em nosso país. Na verdade, ainda estou. E a ideia de que o grande grupo de alunos estivesse esperando exatamente o que não queríamos fazer – discutir sobre como combater, do púlpito, grupo religioso *x* ou *y* – tornou-se bastante incômoda para mim. No momento de reunir o produto de nosso estudo individual e elaborar a versão final da disciplina *Pregação e Apologética Reformada*, compartilhei com Tarcízio esse incômodo, e chegamos à conclusão da necessidade de uma introdução didática à disciplina. Foi assim que nasceu a versão original deste texto.<sup>2</sup>

Três esclarecimentos preliminares devem ser feitos sobre o seu conteúdo. O primeiro é que o texto não é uma receita pragmática do tipo “*dez passos para alguma coisa...*” sobre como pregar apologeticamente. Ele considera algumas habilitações necessárias para a *pregação apologética*. Mas não faz isso como se elas fossem habilidades mecânicas, que podem ser adquiridas de uma vez por todas, sem necessitarem de qualquer desenvolvimento posterior.<sup>3</sup> Ao considerar essas habilitações, o objetivo do texto nem é tanto ensinar como adquiri-las, mas situar o leitor nos campos e questões centrais da reflexão teológica em torno dos quais orbita a relação entre pregação e apologética, e em torno dos quais, por consequência, deverá orbitar também aquele que aceitar o desafio de *pregar apologeticamente*. O segundo é que, embora a relação entre pregação e apologética seja uma via de mão dupla, o que significa que

<sup>1</sup> O modo como compreendemos a apologética ficará claro na primeira seção deste artigo, quando da definição de *pregação apologética*.

<sup>2</sup> Este artigo, apresentado agora em versão levemente ampliada, foi publicado originalmente no livro *Coram Deo: A vida perante Deus* (Editora Monergismo, 2017).

<sup>3</sup> A preferência pelo termo “habilitação” ao invés de “habilidade” tem como objetivo reforçar a convicção de que a pregação apologética exige mais do que aprendizado conceitual mecânico; ela exige convívio constante com determinadas áreas do conhecimento teológico e alguns de seus conceitos principais.

a apologética pode valer-se da pregação tanto quanto a pregação se vale da apologética, o texto tem mais em vista esta última via. Sua preocupação maior é mostrar como o sermão pode beneficiar-se das discussões e do conhecimento produzido pela apologética. O terceiro e último esclarecimento é que, embora a pregação possa ser um evento particular, o que acontece na evangelização ou no aconselhamento, por exemplo, o texto tem mais em mente a pregação pública. Isso não significa que determinados assuntos tratados por ele não possam ser úteis ao evangelista ou ao conselheiro bíblico. Significa somente que ele é dirigido, mais diretamente, ao pregador.

O caminho que escolhi trilhar no texto é bem simples. Começo definindo *pregação apologética*. Em seguida, a partir de uma abordagem triperspectivista<sup>4</sup> da pregação, procuro apresentar algumas habilitações exigidas por ela. À medida que realizo essa apresentação, procuro sugerir quais são as principais questões do conhecimento teológico envolvidas na relação entre pregação e apologética, e, conseqüentemente, no desafio de *pregar apologeticamente*. Meu objetivo é que este texto sirva como estímulo ao ingresso no universo ainda pouco explorado da relação entre pregação e apologética, gerando discussões e desenvolvimentos posteriores.<sup>5</sup>

## 1. PREGAÇÃO APOLOGÉTICA: UMA DEFINIÇÃO

O que entendo por *pregação apologética* pode ser melhor compreendido se considerado o fato de que assumo uma postura apologética específica, comumente denominada de *apologética pressuposicionalista*. O pressuposicionalismo,<sup>6</sup> como também é chamada essa postura, difere da apologética clássica ou tradicional, basicamente, em duas questões: a do *ponto de contato* e a da *tarefa da apologética*, propriamente dita.

*Ponto de contato* é o modo como os estudiosos denominam o lugar de real encontro entre o cristão e o não cristão no debate apologético. Segundo

<sup>4</sup> Triperspectivismo é o nome da proposta metodológica de John Frame. Para maiores informações, ver a seção 3 deste artigo.

<sup>5</sup> A relação entre pregação e apologética foi explorada pelo Dr. Wadislau Martins Gomes em um artigo publicado em 2005 na revista *Fides Reformata*, que apresenta dentre os seus objetivos “considerar a necessidade de um retorno dos púlpitos à prática de uma epistemologia bíblica e de sua conseqüente apologética cristã”. GOMES, W. M. “Psicologização do púlpito e relevância na pregação”. *Fides Reformata*, X-1 (jan.-jun. 2005): 11-29, p. 13.

<sup>6</sup> Originalmente, o termo pressuposicionalismo define um tipo de aproximação ou perspectiva filosófica, de natureza epistemológica, e apenas por implicação uma postura apologética. Por essa razão é necessário esclarecer que a postura que assumo aqui sob o termo “pressuposicionalismo” é a abordagem apologética que tem como principal expoente o teólogo norte-americano Cornelius Van Til, seguido de nomes como Willian Edgar e Scott Oliphint, por exemplo. Alguns desses expoentes, como Oliphint, têm preferido chamar essa postura apologética de apologética aliancista ou pactual (covenantal apologetics). Ver OLIPHINT, S. *Covenantal Apologetics: Principles and Practice in Defense of Our Faith*. Wheaton, IL: Crossway, 2013.

o teólogo e apologeta Cornelius Van Til, a discussão sobre o ponto de contato inclui questionamentos como:

Existe algo acerca do qual cristãos e incrédulos concordam? Existe alguma área conhecida de ambos que possa ser usada como ponto de partida para conduzir àquilo que é conhecido pelos crentes, mas desconhecido pelos incrédulos? E, será que existe um método comum de conhecimento desta “área conhecida” que possa simplesmente ser aplicado àquilo que o incrédulo não conhece, a fim de convencê-lo de sua existência e veracidade?<sup>7</sup>

A apologética clássica/tradicional afirma que o ponto de contato se encontra, ou nos fatos/evidências, caso da *apologética evidencialista*, ou na própria razão, caso da *apologética racionalista*. A apologética pressuposicional, por sua vez, nega que o ponto de contato esteja nas evidências ou na razão, e defende que ele somente pode ser encontrado na revelação de Deus, mais especificamente, no testemunho que Deus dá de si mesmo na subjetividade de todo ser humano.<sup>8</sup> Em termos teológicos, a concepção pressuposicionalista do ponto de contato está intimamente relacionada ao que o reformador João Calvino chamou de *semen religionis*<sup>9</sup> ou *sensus divinitatis*.<sup>10</sup> Essa é a primeira questão em que a apologética pressuposicionalista difere da apologética clássica.

A segunda tem a ver com a *tarefa da apologética*. Partindo do pressuposto de que o único ponto de contato é a revelação que Deus dá de si mesmo na

<sup>7</sup> VAN TIL, C. *Apologética Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 67.

<sup>8</sup> A razão pela qual a apologética pressuposicional rejeita a ideia de um ponto de contato nas evidências ou na razão é sua consciência radical dos efeitos da queda no mundo e na racionalidade humana. Questionando a apologética clássica encarnada em perspectivas teológicas, Van Til afirma: “O único conceito de ponto de contato capaz de escapar ao dilema da ignorância absoluta ou onisciência absoluta é o conceito totalmente bíblico. O grande defeito da visão católico-romana e da visão arminiana é, como já observado, que elas atribuem à mente do homem a autossuficiência ou a supremacia. O romanismo e o arminianismo fazem isto em suas visões do homem, tal como é expresso em suas obras em teologia sistemática. É, portanto, consistente para eles, não desafiar as pressuposições de supremacia feitas pelos incrédulos. Mas a teologia reformada, conforme trabalhada por Calvino e alguns de seus intérpretes recentes, tais como Hodge, Warfield, Kuyper e Bavinck, sustenta que a mente do homem é derivativa e, desta forma, encontra-se, naturalmente, em contato com a revelação de Deus. Ela não está cercada por nada exceto a revelação. Ela é inerentemente revelacional. Não pode ser naturalmente cônica de si mesma, sem que seja cônica de sua condição de criatura. Para o homem, a autoconsciência pressupõe a consciência de Deus”. VAN TIL, C. *Apologética cristã*, p. 89-90.

<sup>9</sup> “Assim como a experiência revela que em todos está incutida uma semente da religião inspirada por Deus, dificilmente se encontrará um entre cem que não a fomenta em seu coração”. CALVINO, João. *A Instituição da Religião Cristã*. 2 vols. São Paulo: UNESP, 2007, I.IV.1, p. 47.

<sup>10</sup> “Está fora de discussão que é inerente à mente humana, certamente por instinto natural, algum sentimento da divindade. A fim de que ninguém recorra ao pretexto da ignorância, Deus incutiu em todos uma certa compreensão de sua deidade, da qual, renovando com frequência a memória, instila de tempos em tempos novas gotas, para que, quando todos sem exceção entenderem que há um Deus e são sua obra, sejam condenados por seu próprio testemunho, por não o cultuarem e não consagrarem a própria vida à vontade d’Ele”. CALVINO, *A Instituição da Religião Cristã*, I.III.1, p. 43.

subjetividade de todo ser humano, o que significa, por implicação, que todo ser humano conhece a Deus, seja em adoração ou apostasia, o pressuposicionalismo sustenta que a principal tarefa da apologética é desafiar a resposta que o não cristão oferece ao conhecimento de Deus: a incredulidade, e seu efeito consequente: a idolatria.<sup>11</sup> Na apologética pressuposicionalista, os objetivos da apologética clássica – a defesa do cristianismo e da fé cristã de acusações hostis (mais comum no período patrístico) e a demonstração da racionalidade da fé cristã (mais comum no medievo e na modernidade) – assumem caráter secundário, passando a servir a essa tarefa principal.

A partir da opção pela apologética pressuposicionalista, e levando em conta esses dois distintivos dela, definimos *pregação apologética* como a exposição do texto bíblico que se vale de uma abordagem que pressupõe a realidade do conhecimento de Deus por parte do ouvinte, e procura desafiá-lo, no coração, acusando a sua tentativa de supressão desse conhecimento na idolatria, confrontando-o com a inconsistência de tal empreendimento e apresentando a consistência do caminho apontado pelo evangelho.

Ao contrário do que se poderia imaginar inicialmente, o que denominamos *pregação apologética* não é uma modalidade de pregação, um tipo de pregação direcionado exclusivamente aos não cristãos, como aquilo que se costuma chamar de “sermão evangelístico”, por exemplo. Até porque a tensão entre o conhecimento de Deus e a dinâmica da idolatria não é uma experiência exclusiva dos não cristãos. Ela também é uma experiência dos cristãos, com a diferença de que estes não podem mais ser escravizados finalmente a um ídolo, como aqueles. Quando falamos da *apologética* relacionada à pregação, temos em mente uma perspectiva da pregação. Falamos da pregação como *apologética* no mesmo sentido em que poderíamos falar dela como *pedagógica*, por entendermos que, assim como toda pregação deve ensinar algo, deve também desafiar o ouvinte a crer e a se comprometer com o que ela ensina, confrontando-o com as motivações religiosas que o impedem de fazê-lo e persuadindo-o das razões para tanto. Nesse particular, seguimos John Frame, para quem

Pregação é apologética porque objetiva a persuasão. Apologética é pregação por que apresenta o evangelho para a conversão e a santificação. Entretanto, as duas atividades têm diferentes perspectivas ou ênfases. A apologética enfatiza o aspecto da persuasão racional, enquanto a pregação enfatiza a busca de mudanças piedosas na vida das pessoas. Contudo, se a persuasão racional é uma persuasão do coração, então significa a mesma coisa que mudança piedosa.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> A relação entre incredulidade e idolatria será explicitada mais à frente, quando forem considerados os principais aspectos da antropologia assumida por minha perspectiva apologética, no item 3.2.

<sup>12</sup> FRAME, J. M. *Apologética para a glória de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 21-22.

Num certo sentido, toda pregação é apologética. Simplesmente, por que toda fala o é. Sempre que falamos, temos como objetivo persuadir a quem nos ouve. E isso é ainda mais real quando se trata da pregação. Primeiramente, por causa de seu caráter discursivo e público. Mas, principalmente, por causa de sua natureza religiosa e autoritativa. Toda pregação é apologética. E essa é a razão pela qual o que definimos como *pregação apologética* não é uma modalidade ou tipo de pregação, mas a tomada de consciência de uma perspectiva dela, que se faz acompanhada da assimilação aplicada de pressupostos oriundos de uma postura específica: o pressuposicionalismo.

## 2. PREGAÇÃO: UMA ABORDAGEM TRIPERSPECTIVISTA

Expresso o que entendemos por *pregação apologética*, desejo considerar algumas das habilitações que são fundamentais a ela. Para tanto, continuarei me valendo do pensamento de John Frame. Nesse caso, de sua abordagem triperspectivista,<sup>13</sup> por meio da qual é possível pensar na pregação como uma relação entre três elementos, que podem ser distinguidos, embora jamais separados: *pregador*, *texto* e *ouvinte*.<sup>14</sup>

Costumamos distinguir esses três elementos da pregação, por exemplo, no *curriculum* teológico. Em disciplinas como exegese e hermenêutica, estudamos o texto. Em homilética, técnicas de comunicação, ou nos estudos sobre contextualização temos mais em mente o ouvinte. Já em disciplinas como hiperetologia ou poimênica, é o pregador que se torna nosso objeto de estudos.

No entanto, por que *pregador*, *texto* e *ouvinte* são elementos essenciais da pregação, mesmo quando os distinguimos didaticamente, eles insistem em permanecer juntos. O que fazemos, na verdade, em cada uma dessas diferentes disciplinas do currículo teológico, é colocar em foco um dos elementos da pregação. Mas, sempre que fazemos isso, os outros dois elementos permanecem presentes, como *background* de nossa análise. Quando, em hiperetologia ou

<sup>13</sup> O perspectivismo é ao mesmo tempo uma postura epistemológica e uma estratégia metodológica. É no segundo sentido que ele mais nos interessa aqui. Como estratégia metodológica, o perspectivismo consiste no esforço intelectual de sobrepor determinadas perspectivas, uma sobre a outra, a fim de ampliar o conhecimento sobre um determinado objeto. No caso da proposta de John Frame a sobreposição contempla três perspectivas, baseadas na doutrina da Trindade, e, mais especificamente, nos três atributos fundamentais do senhorio divino. São elas: a perspectiva normativa, a perspectiva situacional e a perspectiva existencial. Os atributos divinos aos quais elas correspondem, respectivamente, são a autoridade, o controle e a presença. Essa estrutura trinitária dá à proposta de Frame o nome de tri-perspectivismo. Para maiores informações cf. FRAME, J. *A doutrina do conhecimento de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. Resenha de: FONTES, F. C. *Fides Reformata*, XX-2 (2015), p. 145-151; FRAME, J. “What is Tri-Perpectivalism?”. Disponível em: <http://frame-poythress.org/what-is-triperspectivalism/>. Acesso em: 27 maio 2016.

<sup>14</sup> De acordo com as categorias e nomenclatura de John Frame, o pregador estaria mais relacionado às motivações (perspectiva existencial); o texto, ao conteúdo (perspectiva normativa), e o ouvinte, aos efeitos (perspectiva situacional).

poimênica, estudamos a pessoa do pregador, por exemplo, não o fazemos à parte de sua relação com o texto e o ouvinte. Pelo contrário, alguns dos tópicos comuns dessas disciplinas são o conteúdo da mensagem do pregador (o texto) e as virtudes que implicam em sua credibilidade diante das ovelhas (ouvintes). Quando focalizamos o texto, em disciplinas como hermenêutica ou exegese, não o fazemos à parte da pessoa do pregador e do ouvinte. Nosso estudo do texto visa compreender o que ele tem a dizer às pessoas (ouvinte) e leva em conta como nós (pregadores) devemos nos aproximar dele para extrair o seu ensino e aplicações. O mesmo acontece quando focalizamos o ouvinte. Estudos sérios de homilética, técnicas de comunicação e contextualização levam em conta que a forma não existe à parte do conteúdo (texto) e consideram que as motivações e virtudes do comunicador (pregador) tem impacto real em sua comunicação.

Essa aproximação mais atenta da *pregação*, enquanto objeto de estudos, mostra que, embora seja possível distinguir, didaticamente, *pregador*, *texto* e *ouvinte*, quando fazemos isto estamos apenas considerando perspectivas diferentes de um mesmo objeto.

### 3. HABILITAÇÕES NECESSÁRIAS À PREGAÇÃO APOLOGÉTICA

A relação entre *Pregação e Apologética* localiza-se, mais propriamente, no conjunto de estudos que focaliza o ouvinte. Em termos de *currículum*, ela talvez esteja mais próxima das questões discutidas em disciplinas como homilética, técnicas de comunicação e dos estudos sobre contextualização, do que em disciplinas como hermenêutica e exegese, por exemplo. No entanto, em virtude do que dissemos anteriormente sobre o caráter essencial dos três elementos da pregação, é possível concluir que a *pregação apologética* exige habilitações relacionadas a todos eles: habilitações relacionadas ao texto, habilitações relacionadas ao ouvinte e habilitações relacionadas ao próprio pregador. É o que veremos a seguir.

#### 3.1 *Pregação apologética: habilitações relacionadas ao texto*

A *pregação apologética* é a pregação da Bíblia! A Bíblia é a *revelação* de Deus (2Tm 3.14-17; 1Pe 1.16-21) – o meio através do qual Deus é conhecido de maneira proposicional. Ela é também o *poder* de Deus (Hb 4.12) – o instrumento capaz de penetrar as profundezas da interioridade humana e promover as transformações que nenhum outro pode promover. Ela é, finalmente, a *sabedoria* de Deus (1Co 1.18-25; Sl 19.7-14) – a ferramenta pela qual somos persuadidos a viver da forma como Deus deseja que vivamos, a fim de encontrarmos vida segura (Pv 3.1-8). Se *pregar apologeticamente* é desafiar o coração dos ouvintes, pressupondo o conhecimento de Deus que eles possuem, confrontando-os com sua rejeição desse conhecimento na idolatria e persuadindo-os da inconsistência desse caminho em contraste com o

caminho apontado pelo evangelho, então *pregar apologeticamente* pressupõe o verdadeiro conhecimento, poder e sabedoria de Deus, encontrados em sua revelação especial: a Escritura Sagrada. *Pregar apologeticamente*, portanto, é pregar a Bíblia! E a implicação imediata disso é que tudo o que é necessário para pregar a Bíblia é necessário para *pregar apologeticamente*. Referimo-nos aqui a uma boa hermenêutica, ao treinamento nas línguas originais, ao conhecimento da história bíblica, à capacidade de localizar o texto bíblico em seu contexto, a uma boa teologia, etc.

Há, contudo, uma habilitação específica, relacionada ao texto, que deve ser destacada neste primeiro tópico. Ela não é tanto uma habilitação mecânica, do campo da exegese ou da hermenêutica, mas uma habilitação reflexiva, mais relacionada ao campo dos *prolegômenos* da teologia. Trata-se da capacidade de aproximar-se do texto bíblico mediante a percepção de sua verticalidade. *Pregar apologeticamente* exige do pregador que ele se aproxime do texto bíblico debaixo da consciência de que o texto sempre tem algo a dizer sobre a relação *criatura/Criador*. Esse tipo de aproximação é o que possibilita ao pregador fugir de abordagens superficiais como o moralismo ou o sentimentalismo, os quais, apesar de diferentes, se assemelham pelo fato de serem abordagens meramente horizontais.<sup>15</sup>

Aproximar-se do texto bíblico sob a consciência de sua verticalidade nem sempre é uma tarefa fácil. Afinal, à primeira vista, alguns textos parecem ser, de fato, unicamente horizontais, e enfatizar tão somente a nossa relação com o próximo ou com o mundo, sem nada dizer a respeito de nossa relação com Deus. Pense, por exemplo, nos mandamentos da segunda tábua: *honra teu pai e tua mãe, não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho e não cobiçarás* (Êx 20.13-17). Ou, então, nos imperativos paulinos relacionados à comunhão da igreja, tais como: “completai a minha alegria de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento. Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros” (Fp 2.2-4). Não é incomum que sermões pregados a partir de passagens como essas adquiram um tom horizontal, tratando exclusivamente de nossas ações e reações em relação ao próximo. Elas estão entre aqueles textos bíblicos dos quais costumamos nos aproximar como se eles fossem unicamente horizontais.

---

<sup>15</sup> O que denomino *abordagens horizontais* são abordagens antropocêntricas, que localizam os problemas humanos e as transformações das quais o homem necessita fora da relação criatura/Criador. O moralismo é a abordagem que se restringe ao âmbito do comportamento, e o sentimentalismo, a abordagem que se restringe ao reino das sensações.



No entanto, se é verdade que *tudo é religião*, como pensava o filósofo holandês Herman Dooyeweerd,<sup>16</sup> que a existência humana se passa *coram Deo*, como diziam os seus conterrâneos,<sup>17</sup> e que a Bíblia é a revelação proposicional de Deus ao homem, pelo que contendia frequentemente Cornelius Van Til,<sup>18</sup> então também deve ser verdade que o sentido final de tudo, o que inclui o texto bíblico em cada uma de suas passagens, é religioso – isto é, tem a ver com a relação *criatura/Criador*. Um mandamento como *não cobiçarás*, por exemplo, ao exigir que não desejemos de modo egoísta o que pertence a outrem, pressupõe a tendência do coração humano à insatisfação com aquilo que Deus lhe concede; sua dificuldade com uma postura de gratidão. Da mesma forma, imperativos à comunhão como Filipenses 2.1-4, não por acaso costumam ser seguidos de recomendações como a dos v. 5-8:

pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.

Recomendações como essas apontam para transformações de natureza religiosa, que são condições para as ações práticas exigidas. Nesse exemplo particular, a recomendação pressupõe que o orgulho, tendência humana de substituir Deus pelo seu próprio EU, é um empecilho comum ao cumprimento do imperativo relacionado à unidade, e que este, portanto, não pode ser cumprido sem o enfrentamento e mortificação daquele.

Em suma, algumas passagens bíblicas podem parecer, a princípio, unicamente horizontais. No entanto, todas elas são primariamente verticais, isto é, religiosas, no sentido de que têm algo a dizer sobre a relação do homem com Deus. E somente uma aproximação do texto bíblico que considera esse fato pode possibilitar o que temos chamado de *pregação apologética*. A implicação disso é que uma das áreas em torno das quais gira a relação entre pregação e apologética, e em torno da qual devemos orbitar ao assumir o desafio de *pregar apologeticamente*, é a dos *prolegômenos* da teologia, área em que refletimos sobre como deve se dar a nossa aproximação do texto sagrado.

<sup>16</sup> Cf. NASH, R H. *Dooyeweerd and the Amsterdam Philosophy*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1982, p. 78.

<sup>17</sup> Conforme Gomes: “A expressão *cor et res coram Deo*, que literalmente significa ‘coração e objeto perante Deus’, deve ser entendida no sentido de que tanto os objetos como o sujeito do conhecimento precisam ser vistos em relação a Deus”. GOMES, D. C. “*Fides et scientia*: indo além da discussão de ‘fatos’”. *Fides Reformata*, II-2 (1997), p. 142, n. 50.

<sup>18</sup> Cf. VAN TIL, C. *O pastor reformado e o pensamento moderno*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

### 3.2 *Pregação apoloética: habilitações relacionadas ao ouvinte*

Além de habilitações relacionadas ao texto, a *pregação apoloética* exige habilitações relacionadas ao ouvinte. Sobretudo para o público mais conservador, pode soar estranho falar de uma determinação da pregação pelo ouvinte. Isto é compreensível, uma vez que, em nossos dias, com muita frequência, o ouvinte costuma ser tomado como o único fator determinante da pregação, resultando em uma concepção pragmática da natureza da pregação. No entanto, como vimos anteriormente, o ouvinte é um dos elementos essenciais da pregação, e isso implica que é simplesmente impossível pregar sem considerá-lo.

Pense nos objetivos da pregação. Não estaríamos corretos se afirmássemos que o objetivo final da pregação é a glória de Deus? É claro que sim! Dificilmente um pregador cristão discordaria dessa afirmação. Mas se continuássemos nossa reflexão e perguntássemos em seguida *como Deus é glorificado na pregação*, então grande parte de nossas respostas não incluiria o ouvinte? A resposta aqui também seria positiva. Isso porque, embora a glória de Deus seja o alvo final da pregação, a compreensão da mensagem por parte do ouvinte é o alvo mais imediato dela. Tanto o efeito positivo da pregação (transformação e edificação), quanto o efeito negativo dela (endurecimento) pressupõem a compreensão da mensagem por parte do ouvinte.

Portanto, o ouvinte deve ser considerado pelo pregador. E não deveria ser estranho assumir essa premissa. O problema da pregação pragmática não é considerar o ouvinte, mas fazer dele o único aspecto determinante da pregação. Relacionando os dois aspectos da pregação que já consideramos até aqui – texto e ouvinte – usando alguns termos cuja força, talvez, devesse ser abrandada,<sup>19</sup> Welsh faz uma afirmação que revela bem a tensão vivenciada pelo pregador:

No coração da pregação, portanto, está uma contradição, uma confusão de propósitos. De um lado, ela é a continuação obediente da intervenção divina no mundo, e, portanto, deve ser valorizada pela sua finalidade e conteúdo. Por outro lado, é uma expressão verbal de uma pessoa para um grupo, uma ocasião pública que cai dentro desse conjunto de processos que chamamos de comunicação. Como um evento de comunicação, o sermão tem obrigações para com a tarefa de projetar um procedimento que é regido pelo ouvinte, pela sua capacidade de ouvir e compreender. Ao mesmo tempo, como uma extensão obediente da presença do Deus encarnado, o sermão tem a obrigação de ser fiel a sua origem e proclamar uma mensagem que continua de modo fiel o conteúdo e a intenção que ele tem a responsabilidade de tornar acessíveis. Assim, o sermão olha para frente, para o ouvinte, e espera ser compreendido, mas também olha para trás,

---

<sup>19</sup> Prefiro falar do desafio do pregador colocado entre texto e ouvinte em termos de “tensão” ao invés de “contradição”.

para a sua fonte, e espera ser fiel. O pregador, estando no meio, entre Deus e a congregação, é pressionado por obrigações contrárias.<sup>20</sup>

Nunca é demais esclarecer que não se pode estabelecer uma relação de determinação absolutamente proporcional entre a atividade do pregador e os resultados da pregação. Certamente, existe alguma relação entre essas duas coisas. Afinal, a pregação é um dos meios ordinários estabelecidos por Deus para a transformação e edificação das pessoas. E uma das implicações disso é que, apesar da possibilidade do contrário, ordinariamente o pregador melhor preparado para a realização de sua atividade tende a obter melhores resultados (nosso critério para resultados aqui é a edificação das pessoas e não o critério quantitativo). A razão principal, contudo, pela qual o pregador deve considerar o ouvinte não é a de que fazer isso pode amplificar os efeitos de sua pregação, mas a de que fazê-lo é parte de seu serviço responsável ao Senhor. Ele foi chamado para pregar a um grupo específico de pessoas, em circunstâncias específicas.<sup>21</sup>

Podemos mencionar duas habilitações relacionadas ao ouvinte necessárias à *pregação apologética*. A primeira delas é uma compreensão adequada da *dinâmica interna do ser humano*. Se a *pregação apologética* visa um determinado impacto sobre o ouvinte, conforme sugere nossa definição, então quanto mais adequadamente o pregador conhecer o ouvinte melhores condições ele terá de *pregar apologeticamente*.

Quando falamos da necessidade de conhecer o ouvinte, não temos em mente, primariamente, o conhecimento individual dele. Tendo em vista que cada um de nossos ouvintes é diferente, conhecê-los de modo profundo, em sua individualidade, seria simplesmente um empreendimento impossível. O que temos em mente aqui, mais propriamente, é o conhecimento daquilo no qual todos os ouvintes são idênticos: sua dinâmica estrutural interna. Fundamental para a *pregação apologética* é que o pregador esteja consciente de como o ser humano funciona, principalmente no que diz respeito à sua dinâmica de mudança ou transformação.<sup>22</sup> Se deseja alcançar sua audiência com a ajuda

<sup>20</sup> WELSH, C. W. “Preaching as Apologetics”. *Anglican Theological Review* 62, n. 3 (2010), p. 239. Minha tradução.

<sup>21</sup> “Para o pregador, a importância de uma cosmovisão bíblica clara – uma hermenêutica da Palavra para o estabelecimento de uma hermenêutica do mundo – têm razões maiores do que a relevância da mensagem para o mundo. Na verdade, a simples ideia de que alguém precise dar relevo à palavra de Deus – como se ela não fosse mar de bela simplicidade e profundidade temerosa, voz de tempestade e rumor das águas – é um rebaixamento do seu valor. A mensagem do evangelho já é relevante! Importante e relevante para atingir o homem interior e o homem exterior (1Co 14.24-25)”. GOMES, “Psicologização do púlpito e relevância na pregação”, p. 16-17.

<sup>22</sup> Para mais informações sobre a dinâmica de mudança do ser humano, ver GOMES, W. M. *Aconselhamento Redentivo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004; TRIPP, P. D; LANE, T. S. *Como as pessoas mudam?* São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

cristã, “o pregador terá de conhecer o mal que a acomete e não apenas repetir o rótulo do problema. Terá de entender no coração a extensão e profundidade do pecado, e a extensão e profundidade da redenção”.<sup>23</sup> A implicação disso é que outra área em torno da qual orbita a relação entre pregação e apologética, e em torno da qual deve orbitar aquele que deseja pregar apologeticamente, é a *antropologia*.

A opção que fazemos pela apologética pressuposicionalista inclui a assimilação de alguns pressupostos antropológicos fundamentais, cuja menção pode ser útil neste ponto. Esses pressupostos, embora em maior número, respondem ao que Gomes, no livro *Aconselhamento Redentivo*, denomina cinco perguntas básicas: “Quem é o homem? Como é o homem? Qual o presente estado do homem? Qual o problema básico do homem? Como o homem poderá ser ajudado?”.<sup>24</sup> São eles:

- a) *O caráter fundamentalmente religioso do ser humano*. O homem existe *coram Deo*. Consequentemente, toda a sua existência é teo-referente.<sup>25</sup> Tanto o que o homem é, quanto aquilo que ele faz, é determinado pela relação necessária que ele possui com o Criador (Rm 11.33; 1Co 10.31).
- b) *A centralidade do coração*.<sup>26</sup> O homem é determinado pelo seu coração. São os motivos que atuam na dimensão religiosa da existência humana – relativos à adoração – os que determinam todo o direcionamento de sua existência. Na linguagem do livro bíblico dos Provérbios, é dele que procedem as fontes da vida (Pv 4.23).
- c) *A tendência atual do coração à idolatria*. Por causa da queda em pecado, o coração humano encontra-se em estado de rebeldia contra

<sup>23</sup> GOMES, “Psicologização do púlpito e relevância na pregação”, p. 17.

<sup>24</sup> GOMES, *Aconselhamento Redentivo*, p. 17-18.

<sup>25</sup> Segundo Oliveira, “‘teo-referência’ é um conceito empregado por D. C. Gomes para indicar que Deus é o ponto de referência último de toda existência tanto do homem regenerado, pelo poder do Espírito e da Palavra de Deus, quanto do homem não-regenerado. GOMES, Davi Charles. *A metapsicologia vantiliana: uma incursão preliminar*. *Fides Reformata* XI:1 (2006), p. 116, nota 14. A teo-referência negativa, como é qualificada a existência do homem em constante apostasia, se dá sempre como forma de emancipação em relação a Deus e rebelião contra a sua Palavra. A teo-referência positiva indica a existência e a apreensão da realidade no interior de um contexto de significado redentivo ou biblicamente orientado. A teo-referência (negativa ou positiva) é a condição originária de todo horizonte de compreensão e interpretação humanas. Isso quer dizer que a vida-no-mundo será sempre encarada no interior de um campo de significado de amor ou de rebelião contra Deus”. OLIVEIRA, F. de A. “Reflexões críticas sobre Weltanschauung: Uma análise do processo de formação e compartilhamento de cosmovisões numa perspectiva teo-referente”. *Fides Reformata* XIII-1 (jan.-jun. 2008): 31-52, p. 31.

<sup>26</sup> Uso o termo coração aqui no sentido atribuído pela tradição agostiniana/calvinista, o de centro religioso da existência humana. AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1997, I.1.1, p. 19.

Deus (Rm 8.6-7). No entanto, uma vez que a religião,<sup>27</sup> no sentido mais profundo do termo – o de relação necessária do homem com Deus – é a condição de existência do homem, neste estado de quebra da relação com Deus (o verdadeiro absoluto), o homem tende a relacionar-se com aspectos da criação como se eles fossem absolutos, transformando-os em supostas fontes de sentido, significado e satisfação (Rm 1.22-25). Isto é o que chamamos comumente de idolatria, a substituição do Criador pela criatura.

- d) *O caráter enganoso do coração.* A dinâmica da idolatria envolve processos de autoengano. O coração, além de rebelde, é também enganoso (Jr 17.9). Por isso, o idólatra está comumente persuadido de que sentido, significado e satisfação podem ser encontrados fora de Deus, nos ídolos que ele erigiu para substituí-lo (Deus) em sua relação mais fundamental.
- e) *A tensão existencial característica da idolatria.* O homem envolvido pela idolatria continua sendo criatura de Deus, vivendo no mundo criado por Deus, sob as leis estabelecidas por Deus. Da mesma forma, os ídolos, embora elevados à posição de absolutos, permanecem sendo relativos, ou seja, apenas parte da criação, e, conseqüentemente, fontes insuficientes de sentido, significado e realização. Por estas razões, o indivíduo envolto pela idolatria está também envolto por incoerências, inconsistências e inquietações (Rm 1.18-32).
- f) *O redirecionamento da adoração como única fonte de mudança efetiva.* A transformação efetiva do ser humano é aquela que acontece em sua dimensão religiosa. Embora mudanças periféricas possam acontecer sem que alguém se volte da idolatria para a adoração, este retorno de natureza religiosa é a condição fundamental para transformações verdadeiramente significativas, que afetam o homem de forma segura e abrangente (Ez 36.26-27).
- g) *A Palavra de Deus como único meio efetivo de persuasão.* O instrumento para a transformação do coração humano é a persuasão bíblica (Hb 4.12). A Escritura Sagrada é o meio determinado por Deus para o convencimento da idolatria e o redirecionamento do homem para a adoração verdadeira (Rm 10.13-15).

A segunda habilitação relacionada ao ouvinte, necessária para a *pregação apologetica*, é uma boa compreensão do *contexto cultural*. Como afirma Gomes, da forma poética que lhe é peculiar, “a Palavra de Deus dá importância

---

<sup>27</sup> Para maiores informações sobre o modo como concebemos o conceito de religião, ver OLIVEIRA, F. de A. “Diagnosticando os sintomas do nosso tempo: parte 1 – um ensaio crítico sobre os ídolos da modernidade”. *Fides Reformata* XVI-2 (jul.-dez. 2011), p. 51-94.

ao ambiente em que a Palavra fecunda a vida eterna no contexto da vida do dia a dia”.<sup>28</sup> Por essa razão, concordo com Loscalzo que “apenas um púlpito que se identifica com o espírito de seu tempo terá condições de falar e ser ouvido, entre a multidão de vozes que demandam a atenção das pessoas”.<sup>29</sup> Antes de prosseguir e explicar mais detalhadamente o que tenho em mente neste tópico, é preciso esclarecer que o que chamo de identificação não é a assimilação acrítica de pressupostos e modelos de um determinado contexto. Uso o termo seguindo mais uma vez Loscalzo, que, tratando especificamente da relação entre o pregador e o contexto pós-moderno, faz a seguinte afirmação, que poderia facilmente ser generalizada:

[...] identificar-se com o mundo pós-moderno não significa primariamente a aceitação ou rejeição de seus valores ou cosmovisão. Criar identificação significa levar o mundo pós-moderno a sério e abordá-lo numa postura colaborativa e não adversativa apenas.<sup>30</sup>

O pressuposto do qual parto na afirmação dessa segunda habilitação é que negação do conhecimento de Deus e idolatria não são apenas experiências humanas individuais, mas também coletivas. Isso significa que, certas experiências de negação do conhecimento de Deus e idolatria, sendo socialmente compartilhadas, e tendo alcançado alto nível de aceitação coletiva, tornam-se experiências habituais ou padronizadas.<sup>31</sup> Embora, estruturalmente semelhantes, essas experiências podem variar bastante dependendo da época e do lugar, e a identificação delas, principalmente dos ídolos mais frequentemente erigidos num determinado contexto cultural, também é muito importante para quem deseja *pregar apologeticamente*.

Segundo alguns estudiosos de contextualização, uma das maneiras mais apropriadas para a identificação desses padrões é o conhecimento da cosmovisão<sup>32</sup> de um determinado grupo. E um dos caminhos geralmente apontado por

<sup>28</sup> GOMES, W. M. *Sal da terra em terras dos Brasis: como vemos e somos vistos na cultura brasileira*. 3ª ed. Brasília: Monergismo, 2014, p. 23. Ao leitor que desejar compreender o contexto cultural brasileiro, e principalmente a relação da igreja e da fé cristã com ele, recomendamos vigorosamente a leitura desta obra do Dr. Wadislau Martins Gomes.

<sup>29</sup> LOSCALZO, C. A. “Apologizing for God: Apologetic Preaching to a Postmodern World”. *Review and Expositor* 93 (1996), p. 411. Minha tradução.

<sup>30</sup> Ibid.

<sup>31</sup> Uma perspectiva cristã da dinâmica histórico-cultural precisa considerar que o motor dessa dinâmica é a religião, no sentido de relação fundamental criatura/Criador. Para maiores informações, ver OLIVEIRA, “Reflexões críticas sobre Weltanschauung”.

<sup>32</sup> Cosmovisão é um termo originalmente filosófico, cunhado para se referir ao conjunto de crenças fundamentais de um indivíduo ou grupo, que determina a maneira como esse grupo ou indivíduo interpreta a realidade. Para maiores informações sobre esse conceito, ver SIRE, J. *Dando nome ao elefante*. Brasília: Monergismo, 2012.

eles como mais efetivos para a apropriação desse conhecimento é a familiaridade com os seus produtos culturais. As histórias, livros, músicas, filmes e festas de um determinado grupo social dizem muito sobre seus padrões particulares de supressão do conhecimento de Deus e sobre os ídolos mais comumente erigidos por ele para substituí-lo. Por isso, Josh Moody sugere que pregadores podem ser mais responsáveis em sua pregação ao

familiarizar-se com as discordâncias, lendo o que eles escreveram e pensaram, e não o que outras pessoas dizem que eles escreveram ou pensaram. Isso significa ler algumas coisas enervantes, como Nietzsche, Freud, ou Voltaire; bem como algum material pesado como Kant ou Hume. Significa, também, ler e ouvir debates contemporâneos, como os novos ateus, ou o seu amigo do prédio que não acredita no evangelho. [...] ler coisas que exponham o mundo imaginativo daqueles que não creem. Leia H. G. Wells, leia Isaac Asimov, leia o lado negro de seus materiais. É no “coração” que o tolo diz que não há Deus. O coração inclui o racional, mas também o emocional. Aprenda a não só falar a língua do raciocínio, mas também a linguagem da imaginação.<sup>33</sup>

Na mesma direção, Gomes defende que:

[...] o pregador da história da redenção revelada na Escritura aos homens que vivem a história faz bem quando conhece a Palavra de Deus como elemento crítico de outros pensamentos (pseudo) redentores oferecidos por não-cristãos e cristãos enganados. Haverá sempre elementos preciosos que Deus, pela graça comum, permite à humanidade decaída. Haverá também boas críticas de anticristãos quanto aos erros dos próprios cristãos, e que deveriam desafiá-los. E há também uma razão imediata para que os pregadores se apliquem ao estudo crítico dos pensadores anticristãos: a cosmovisão das congregações contemporâneas é secular e mais propensa a aceitar as mensagens “psicologizadas” apresentadas nos púlpitos em conteúdo e forma.<sup>34</sup>

Essa segunda habilitação relacionada ao ouvinte mostra que a *exegese cultural* é outra área em torno da qual orbita a relação entre pregação e apologetica, também em torno da qual deve orbitar aquele que deseja *pregar apologeticamente*.

### **3.3 Pregação apologetica: habilitações relacionadas ao próprio pregador**

Finalmente, a *pregação apologetica* exige também habilitações subjetivas, isto é, habilitações do pregador em relação a si mesmo. A maior delas,

<sup>33</sup> MOODY, J. “Cinco maneiras pelas quais pastores podem melhorar sua pregação apologetica”. Disponível em: <http://www.thegospelcoalition.org/article/5-ways-pastors-can-improve-their-apologetic-preaching>. Acesso em: 16 maio 2016. Minha tradução.

<sup>34</sup> GOMES, “Psicologização do púlpito e relevância na pregação”, p. 15.

se é que podemos denomina-la desta maneira, é um coração regenerado. Talvez fosse melhor falar da regeneração em termos de necessidade, ao invés de falar dela em termos de habilitação. Afinal, ela é um ato sobrenatural de Deus, restrito à sua vontade soberana, no qual o homem não tem qualquer participação ativa. Contudo, mais do que a precisão linguística, o que nos importa aqui é afirmar o caráter essencial da regeneração para a *pregação apologetica*. Sem esta transformação subjetiva, que acontece no núcleo de nossa existência subjetiva – o coração – nenhum pregador estará habilitado para *pregar apologeticamente*. Ninguém pode ser bom instrumento para auxiliar outras pessoas em sua dinâmica espiritual, se não estiver, ele mesmo, apto a discernir sua própria situação. Conforme disse Jesus, a condição para que alguém ajude outras pessoas a tirarem ciscos de seus olhos é que tenha tirada a trave dos seus (Mt 7.1-5). Pregar apologeticamente implica a regeneração!

Desta necessidade subjetiva derivam-se três importantes habilitações. A primeira delas é a *empatia*. O que denominamos empatia é a capacidade de identificar-se com um determinado público a fim de perceber as suas necessidades, e escolher a melhor maneira de supri-la por ocasião da pregação. Por um lado, existem mecanismos objetivos dos quais podemos lançar mão para nos tornarmos mais empáticos às pessoas. O cultivo de uma visão adequada de nós mesmos, por exemplo, e o esforço para conhecer e ouvir as pessoas de forma interessada e atenta, são alguns deles. No entanto, discernimento espiritual (sabedoria) é uma dádiva divina (Tg 1.5), que não pode ser adquirida, unicamente, por meio de treinamento teórico ou prático.

A segunda é o *amor*. Ao falarmos de amor como habilitação subjetiva, temos em mente mais do que mero sentimentalismo. Amor, numa perspectiva bíblica,<sup>35</sup> é a motivação honesta de altruísmo; a sincera preocupação com o outro que desagua no movimento desinteressado em direção a ele. O desafio de *pregar apologeticamente* demanda grande esforço reflexivo, enorme labor mecânico, e, muitas vezes, uma disposição tão sacrificial para o confronto que jamais pode ser efetivado se não for acompanhado e motivado pelo amor. Conforme pensava e costumava dizer Francis Schaeffer: o amor é a apologetica final.<sup>36</sup> Ou seja, o amor é a motivação adequada e o cenário propício à verdadeira apologetica.

A terceira e última habilitação subjetiva necessária à *pregação apologetica* é a *autoridade*. O que denominamos autoridade é a convicção e experiência da

<sup>35</sup> Uma boa definição de amor pode ser encontrada em 1 João. Nela o discípulo que ficou conhecido como discípulo do amor apresenta a atitude sacrificial de Deus em Cristo como padrão para o exercício dessa virtude (1Jo 4.10-11).

<sup>36</sup> Cf. SCHAEFFER, F. *A igreja no século 21*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 41.



pregação como *vox Dei* (a voz de Deus).<sup>37</sup> Não devemos confundir autoridade com autoritarismo – a postura de impor o ensino na base de prerrogativas horizontais, como a formação acadêmica ou a função eclesial, por exemplo. Autoridade é uma habilitação concedida por Deus (2Co 10.8), derivada da fidelidade à sua Palavra (2Co 2.17; 5.20) e geralmente reconhecida através de suas manifestações visíveis (Mc 1.22), ao invés de imposta ou reclamada.

Essas três últimas habilitações mostram que *pregar apologeticamente* envolve também um exercício de autorreflexão radical. Um pregador não pode colocar em cheque o coração de seus ouvintes, sem que, anteriormente, faça isso com o seu. Isto significa que o *aconselhamento bíblico* é uma área do conhecimento teológico em torno da qual orbita a relação entre pregação e apologética, e que o pregador faria bem em orbitar ao assumir o desafio de *pregar apologeticamente*.<sup>38</sup>

## CONCLUSÃO

Como dissemos inicialmente, este texto nasceu como uma introdução didática à disciplina *Pregação e Apologética*, ministrada no CPAJ no ano de 2015. Por uma razão diferente da que eu imaginava no período de preparo, sua necessidade se confirmou por ocasião da ministração da disciplina. Boa parte dos alunos inscritos naquela ocasião havia sido atraída pelo estranhamento causado pela possibilidade de relação entre duas áreas aparentemente tão diferentes do estudo teológico – a da pregação e a da apologética. Eles, de

<sup>37</sup> Para mais informações sobre o conceito reformado da pregação como *vox Dei*, ver ANGLADA, P. R. B. “Vox Dei: A teologia reformada da pregação”. *Fides Reformata* IV-1 (jan.-jun. 1999): 145-168. Nesse artigo, Anglada sustenta que “foi Calvino quem elaborou mais detalhadamente a questão da natureza da pregação como a voz de Deus. Em seu comentário de Isaías ele afirma que na pregação ‘a palavra sai da boca de Deus de tal maneira que ela de igual modo sai da boca de homens; pois Deus não fala abertamente do céu, mas emprega homens como seus instrumentos, a fim de que, pela agência deles, ele possa fazer conhecida a sua vontade’. Comentando Gálatas 4.19, Calvino enfatiza a eficácia do ministério da Palavra afirmando que porque Deus ‘emprega ministros e a pregação como seus instrumentos para este propósito, lhe apraz atribuir a eles a obra que ele mesmo realiza, pelo poder do seu Espírito, em cooperação com os labores do homem’. Para Calvino, a leitura e meditação privadas das Escrituras não substituem o culto público, pois ‘entre os muitos nobres dons com os quais Deus adornou a raça humana, um dos mais notáveis é que ele condescende consagrar bocas e línguas de homens para o seu serviço, fazendo com que a sua própria voz seja ouvida neles’. Por isso, quem despreza a pregação despreza a Deus, por que ele não fala por novas revelações do céu, mas pela voz de seus ministros, a quem confiou a pregação da sua Palavra. Ao falar Deus aos homens por meio da pregação, Calvino identifica dois benefícios: ‘por um lado, ele [Deus], por meio de um teste admirável, prova a nossa obediência, quando ouvimos seus ministros exatamente como ouviríamos a ele mesmo; enquanto que, por outro, ele leva em consideração a nossa fraqueza ao dirigir-se a nós de maneira humana, por meio de intérpretes, a fim de que possa atrair-nos a si mesmo, ao invés de afastar-nos por seu trovão’”. ANGLADA, “Vox Dei: A teologia reformada da pregação”, p. 149s.

<sup>38</sup> Para uma introdução ao Aconselhamento Bíblico, ver GOMES, W. M. *Aconselhamento redentivo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

fato, precisavam de uma introdução didática. E a publicação do texto agora considera que essa pode ser uma necessidade para outras pessoas também.

Ao torná-lo público, esperamos primeiramente que ele cumpra, agora para um número maior de pessoas, o seu papel original: o de mostrar como duas áreas do conhecimento teológico aparentemente pouco afins podem estar profundamente relacionadas. Esperamos mais: que ele estimule um número maior de pessoas à reflexão sobre essa relação, bem como um número maior de pregadores ao desafio de *pregar apologeticamente*, no sentido de expor o texto bíblico valendo-se de uma abordagem que pressupõe a realidade do conhecimento de Deus por parte do ouvinte, e procura desafiá-lo no coração, acusando a sua tentativa de supressão desse conhecimento na idolatria, confrontando-o com a inconsistência de tal empreendimento, e apresentando a consistência do caminho apontado pelo evangelho. Esperamos, finalmente, que o texto auxilie estudiosos interessados, bem como os pregadores, a darem os primeiros passos em direção à ideia e prática da *pregação apoloética*. Nesse particular, não esperamos que ele seja mais do que o ponto de partida, já que *pregar apologeticamente* é uma atividade que exige reflexão constante a respeito de diferentes questões, de diferentes áreas do conhecimento teológico, começando pela hermenêutica e exegese, passando pela antropologia e análise cultural, chegando até ao aconselhamento bíblico, para citar algumas delas. Mas, ficaremos sobremodo satisfeitos se ele contribuir para que essa reflexão constante aconteça debaixo da dependência de Deus, sem a ação de quem, todo esforço humano é nulo de efeitos significativos.

### **ABSTRACT**

Assuming that interdisciplinary interactions can be greatly productive, this essay seeks to discuss the relationship between preaching and apologetics. Utilizing a specific tradition – presuppositionalism – the author argues that apologetics can offer meaningful contributions to the preacher, particularly in the understanding of how the listener influences the preparation and delivery of the sermon. As an introductory text, the essay tries to explain what it is to preach apologetically and points out the main fields around which the preacher must orbit as he takes up this challenge.

### **KEYWORDS**

Preaching; Apologetics; Presuppositionalism; Contextualization.